



Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • seer.ufrgs.br/NauLiteraria

ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 10 N. 01 • jan/jun 2014

Dossiê: Teorias do Processo Criativo

Algumas notas sobre o processo criativo de Gonçalo M. Tavares

Sandra Beatriz Salenave de Brito*

Resumo: Este trabalho estuda as concepções do processo criativo do escritor português Gonçalo M. Tavares, bem como sua percepção sobre vários aspectos que abrangem a literatura. A bibliografia foi selecionada a partir de diversas entrevistas do escritor concedidas a jornais e revistas, sejam elas orais (a grande maioria está disponível no site youtube.com) ou escritas, bem como o blog do próprio escritor. Além disso, há o estabelecimento de semelhanças e diferenças entre a concepção de criação desenvolvida por este escritor e outros reconhecidos que também teorizaram sobre a obra literária, como Jorge Luiz Borges, Umberto Eco, Érico Veríssimo, Orhan Pamuk e Ítalo Calvino.

Palavras-chave: Gonçalo M. Tavares; processo criativo; leitura; escrita; literatura.

Abstract: This work studies the conceptions of the creative process of the Portuguese writer Gonçalo M. Tavares, as well as their perception on various aspects covering the literature. The literature was selected from several interviews the writer granted to newspapers and magazines, whether oral (the vast majority can be found at youtube.com) or written as well as the blog writer by himself. In addition, there is the establishment of similarities and differences between the design of creation developed by this writer and others who theorized about the literary work, such as Jorge Luiz Borges, Umberto Eco, Erico Verissimo, Orhan Pamuk and Ítalo Calvino.

Keywords: Gonçalo M. Tavares; the creative process; reading; writing; literature.

O autor não deve interpretar. Mas pode contar como e por que escreveu.

Umberto Eco

Estudar Gonçalo M. Tavares no cenário da literatura contemporânea torna-se importante devido a sua aclamada obra, que transcende os limites geográficos portugueses, pois seus textos já foram editados em quase cinquenta países, recebendo diversos prêmios dentro e fora de Portugal por suas narrativas tão variadas.

Lídia Jorge (2009) realiza uma longa discussão sobre a continuidade do livro e uma possível substituição deste objeto pelos e-books ou outros recursos tecnológicos. É inegável que a informatização modificou notoriamente o modo de produção dos textos, mas também refletiu na recepção dos mesmos. Apesar das inúmeras entrevistas escritas concedidas por Gonçalo M. Tavares, e a singular organização sobre as notícias que envolvem sua obra, atualizadas frequentemente no blog do escritor, a maior parte dos registros encontra-se em vídeos do site YouTube.

* Doutoranda em Literatura Portuguesa pela UFRGS.

Érico Veríssimo (1999) pondera sobre a popular curiosidade dos leitores em conhecer mais sobre a maneira que os escritores compõem seus livros, como concebem os enredos, arquitetam as situações, criam os diálogos e descrevem as personagens. O grande escritor gaúcho aproxima a sua tarefa da confecção de um bolo, que necessita de ingredientes adequados, na dosagem certa, dispostos em um tempo apropriado. Sendo assim, cada escritor teria a sua própria maneira de perceber o seu fazer literário.

Entretanto, nem sempre é fácil para o escritor esclarecer como estabeleceu seu método de trabalho. Tavares tenta elucidar como realiza o seu processo, mas por seus relatos podemos perceber que é capaz de enumerar as ações que realiza, mas não como efetiva o seu pensamento. Para Edgar Allan Poe (1993) é o epílogo que deve nortear o enredo, para provocar o efeito de consequência, causalidade. Ainda que Tavares discorde desse posicionamento, pois acredita que suas ideias permaneçam obscuras até alvorecerem no instante da escrita, ambos concordam que escrever envolve a precisão rígida da resolução de um problema matemático. Poe admite que é extremamente difícil para o autor reconstituir os passos que traçou antes de chegar às conclusões definitivas, desenvolvidas ao longo da narrativa.

Devido ao seu modo de produção tão peculiar, Joca Terron (2007) define Gonçalo M. Tavares como um abalo sísmico no panorama da literatura portuguesa atual, e isso se deve, principalmente, à maneira como o escritor surgiu no cenário literário, após um período de isolamento que envolveu mais de uma década de dedicação à leitura e à escrita, durante todas as manhãs, período em que produziu diversas obras, que foram publicadas paulatinamente a partir de 2001. Estreou com *O Livro da Dança* e, a partir de então, publicou vários livros por ano, a contabilizar, no presente momento, mais de trinta em treze anos.

Gonçalo M. Tavares é um escritor que utiliza diferentes gêneros: romances, ensaios, poemas, epopeia, investigações, teatro, etc., ainda que não os classifique segundo uma tipologia habitual. Tavares criou uma classificação própria para a sua obra, porque mistura diversos gêneros, e tenta organizar essa variedade, com o objetivo de orientar o leitor. Seus livros são muito distintos entre si, como se tivessem sido escritos por diferentes autores. “Eu penso que há infinitas formas de escrita literária. De certa maneira, a minha intenção é experimentar vários caminhos: um caminho trágico, um caminho lúdico, um caminho de escrita rápida...” (TRIGO, 2014).

Borges (1985) discorre sobre as semelhanças e as diferenças entre as categorias literárias, posicionando-se a favor da negação dos gêneros, tendo em conta a afirmação dos indivíduos. Contudo, pensar os sujeitos também é generalizá-los e isso é inadequado.

Segundo Borges, os gêneros dependem menos dos próprios textos do que do modo como são lidos. Assim, a obra requer a interação entre o leitor e o texto, que lhe impõe o sentido. de forma que, inclusive, o ato de reler modifica o significado atribuído à primeira leitura. Umberto Eco (1985) enfatiza a capacidade que um texto tem de gerar leituras diversas e inesgotáveis. Tavares não minimiza esse poder de seu leitor, apenas auxilia-o através de pistas, como as próprias classificações, que abrangem a totalidade de sua produção.

Devido a multiplicidade de temas, a obra tavariana deu origem, em diferentes países, a peças de teatro, curtas metragens, objetos de artes plásticas, ópera, performances, projetos de arquitetura, teses acadêmicas, etc. O próprio Saramago afirmou ao entregar-lhe o prêmio que carrega o seu nome: "Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos: dá vontade de lhe bater!" (Saraivaconteúdo, 2010).

Tavares inspirou trabalhos em campos mais distintos do conhecimento, como a proposta de Fernando Hipólito, professor de arquitetura da Universidade de Lusíada, em Coimbra, em que os alunos deveriam criar projetos arquitetônicos a partir do mundo abstrato das palavras. Baseados no imaginário de *O Bairro* construíram um espaço concreto, iniciativa publicada sob o título *Projectos no Bairro de Gonçalo M. Tavares*. Gonçalo gosta dessa interdisciplinaridade da arte, como demonstra o seu apreço à adaptação de *Os Senhores* para uma versão cinematográfica. (Revista Ideal, 2010).

Para Gonçalo Tavares, a escrita é uma necessidade, mas a leitura é uma imposição. Escreveu e leu muito entre os vinte e os trinta anos, estabelecendo uma rotina em que, diariamente, inclusive aos finais de semana, levantava muito cedo, começava a escrever às seis e meia da manhã e ficava durante todo esse turno do dia nos cafés portugueses desenvolvendo o seu ofício de forma determinada. Por mais de uma década, foi fiel ao seu regime estoico, muito disciplinado de entrega abnegada à literatura. (Rodrigues, 2011)

Tavares tinha uma ideia inicial, que cumpriu, de não publicar antes dos trinta anos. Por diversas razões, achava importante dedicar-se muito tempo à leitura. Ele cita um ditado chinês, que transforma-se em uma maldição: “não te atrevas a escrever um livro antes de ler mil.” (FLÁVIO, 2014). A leitura seria um preâmbulo da escrita, uma bagagem obrigatória que permite que o escritor perceba melhor o que está fazendo. Só é possível inovar através da consideração do que já foi produzido.

T.S. Elliot (1972) também exprime o sentido histórico da produção literária, evidenciando que o escritor não trabalha apenas com o fluxo de sua geração, mas com o peso de que toda a literatura, desde Homero, coexiste com seu texto, e deve integrar-se a essa

ordem. Ainda que um escritor seja avaliado por seus aspectos individuais, e de certa forma, sua inovação, seus antecessores estão na gênese desse processo.

Tavares ressalta que o escritor precisa ser capaz de olhar para trás e para frente, simultaneamente, na tentativa do todo, pois, somente dessa maneira, poderá escrever um texto sem pensar que está inaugurando a literatura. É fundamental conhecer as marcas que os anteriores deixaram no espaço e no tempo, antes de seguir o seu caminho, pois não se está no início, nem no final, e sim no meio.

Gonçalo afirma que publicar e escrever são processos independentes, visto que há bons escritores que não publicaram nada em vida. Ele percebe a publicação como um ruído que recai sobre quem escreve, um olhar exterior a que o escritor deve estar preparado. (Sempre Um Papo, 2013) Como afirma Eliot (1972), a crítica é tão inevitável como a respiração. Tavares acredita que elogios, críticas e indiferença podem bloquear um escritor, que deve continuar, independente da acolhida de sua obra, visto que diferentes leitores percebem o texto de maneiras diferentes, a partir de suas experiências e posicionamentos, e tornar público é não poder controlar mais quem lê o livro e suas reações.

Por isso, Gonçalo não teve pressa em percorrer o percurso editorial, escreveu vários livros e quando os primeiros saíram, tinha vários outros prontos a serem publicados. Escrever é a necessidade principal, ser lido é apenas a consequência, logo, não se preocupa tanto com o reconhecimento. “Prêmios são agradáveis, claro, mas apesar de tudo são coisas laterais ao nosso trabalho.” (TERRON, 2007). Pamuk também dissemina este posicionamento de humildade: “eu nunca poderia ser o tipo de pessoa artificial que encontra a felicidade na beleza dos livros que já escreveu, nem fica se congratulando por já ter escrito certo número de livros ou pelo sucesso de cada um.” (2007, p. 74). O livro deve ser mais valorizado que seu autor.

Escrever é uma necessidade tão latente, que quando não o faz, Gonçalo sente-se irritado, como alguém que já perdeu a hora do almoço. Uma angústia, como diria Pamuk, “uma fome de estar sozinho e sonhar.” (2007, p. 74). Pamuk compartilha essa visão de que a literatura lhe é essencial, a escrita é aquilo que o prende à vida. A literatura é o seu remédio cotidiano, sua droga diária para desenvolver a sua imaginação e conceder-lhe a cura, através da felicidade da escrita, em que é capaz de criar um mundo novo a partir do conhecido.

Para Umberto Eco, escrever um romance não tem a ver com as palavras, é um fato cosmológico, como se fosse possível construir um mundo e adorná-lo. Depois dessa construção, “as palavras virão quase que por si sós.” (1985, p. 22). Assim como Tavares defende que cada leitura tem seu ritmo adequado, percebe que a escrita pode ocorrer aos

passos, ou aos saltos, dependendo da intenção do escritor, Eco esclarece que adentrar em um romance é semelhante a realizar uma excursão à montanha, é necessário aprender a respirar, ajustar o passo para seguir em frente até o fim. “Há romances que respiram como gazelas e outros que respiram como baleias, ou elefantes. A harmonia não está na extensão do fôlego, mas na regularidade com que se aspira.” (ECO, 1985, p. 37). Para Eco, um grande romancista sabe o momento exato de frear e quando deve acelerar, pois é esta dosagem que gera os efeitos criativos da obra.

No início, Tavares escrevia muito em cadernos, a mão, nos cafés e o ruído de fundo era um estimulante intelectual que ativava o funcionamento da máquina mental. Gradualmente, esse trabalho nos cafés delimitou-se à revisão de textos já prontos, e passou a escrever em seu ateliê, diretamente no computador, definindo essa mudança não apenas como muscular, mas também mental, “passamos de um movimento com dois dedos, com a caneta, para um movimento das duas mãos.” (Imagem da Palavra, 2013). Ele acredita que o movimento muscular tem interferência na forma de pensar, como se raciocinasse de uma maneira diferente quando escreve no computador. Da mesma forma, escrever pela manhã ou à noite produz textos completamente distintos, pois não é um problema de racionalidade, mas de pensamento. A escrita está no corpo todo e termina nos dedos, como uma modalidade atlética.

Em relação ao seu processo criativo, Gonçalo admite que escreve instintivamente, de certa forma, sem poder explicar como ocorre este percurso. Trabalha como se precisasse de um aquecimento para, em seguida, acelerar, aumentando a velocidade de escrita. Mesmo que pareça contraditório, as páginas escritas mais rapidamente apresentam menos coisas a revisar e eliminar, é um convite a um não pensar, como se estivesse a desenvolver a habilidade do pensamento coincidir com o ato de escrever. Seus livros partem de alguns conceitos, ou seja, pensa em duas ou três ideias, ou duas ou três imagens, e, assim, o texto vai se escrevendo quase que impulsivamente, pois se soubesse o que vai escrever, já não seria capaz de fazê-lo. Todos esses procedimentos fazem parte de sua “cegueira rápida”, em que pode ficar até cinco horas sem levantar a cabeça, sem lembrar do que escreve, nem olhar para as frases com muitas letras fora de lugar. (Livrra Ideal, 2013).

Na percepção de Érico Veríssimo, o escritor sempre parte de um desejo nebuloso, de um mistério que o leva a realizar um fenômeno parecido com a criação do mundo, como disseram Pamuk (2007) e Eco (1985). Para Veríssimo, o processo de criação une “velhos desejos, memórias de coisas lidas e ouvidas, lembranças de emoções sentidas” (1999, p. 4), paisagens, sons, desejos, sonhos, que com o tempo começa a tomar forma. É o olhar

cuidadoso a que se refere Tavares, em que é preciso saber selecionar o material para escrever as histórias.

Veríssimo, em seus escritos, também seleciona pequenos aspectos que o norteiam ao longo da criação, e essa ideia inicial pode ser uma tese, uma personagem, uma situação imaginada ou uma cópia da vida. Em suma, o objetivo é “inventar o drama, criar o ambiente e povoá-lo de personagens” (1999, p. 6), esculpindo sua narrativa verossímil e com as personagens suscitando emoções aos leitores. Assim como Tavares que defende que há uma leitura para cada momento, Érico percebe que há uma escrita determinada também, pois enquanto perseguia a confecção de *Caravana*, outras ideias debatiam-se em seu cérebro, que comporiam *Saga*. Independentemente, se a história é narrada em primeira ou terceira pessoa, em ordem cronológica, ou não, Érico percebe as suas histórias como fatos a acontecer na sua frente, em que se revela a força das personagens, a lhe surpreender com suas ações, palavras e sentimentos, os quais não consegue premeditar. “Acho que o romancista não deve traçar rigidamente a psicologia de suas personagens, sob pena de torna-las sem vida como estátuas de pedra.” (1999, p. 23). Congênere a Tavares, Érico aproveita as suas experiências de leitor para escrever, evitando aquilo que lhe desagrada nos alheios. Se escreve sobre locais que desconhece recorre a pesquisa enciclopédica, e, assim, vai mesclando fantasia e resquícios da realidade.

Umberto Eco (1985) defende que a escrita envolve uma grande parcela de transpiração para pouca inspiração. Tavares esclarece que, no trabalho com seus textos, o movimento rápido de escrita se contrapõe ao processo demorado do corte, e que, muitas vezes, investe seu tempo, escrevendo vinte páginas em uma manhã, para quando chegar o momento da revisão e eliminação, tornarem-se duas ou menos. Atualmente, com a multiplicação das imagens, há uma falta de atenção perigosa devido a uma urgência, em que não permite o tempo de parar, observar e esperar. É um talento a ser praticado, como uma cultura, no sentido agrícola de semear algo, envolve paciência e dedicação.

Esse parece ser um fenômeno comum a diversos escritores, a dor da exclusão, como relata Érico Veríssimo (1999) que, em *Saga*, substituiu oito páginas de emoções a três linhas e que ao final da obra, havia mais de sessenta folhas que ficaram guardadas na gaveta, pois não acrescentavam muito à narrativa. É o momento de contemplar e avaliar o próprio trabalho.

Eco, ao analisar como escreveu a célebre cena da cozinha, admite que muitas das ideias iniciais não utilizou, “só depois é que a poli, como se passasse por cima um verniz homogeneizante, a fim de que as suturas ficassem menos visíveis.” (ECO, 1985, p. 38). Na escrita dessa cena, o relato de Eco e Tavares se assemelham em relação à energia empenhada

na tarefa: “procurei diminuir ao máximo a diferença entre tempo do amor e tempo da escritura” (1985, p. 39), em que o corpo, no caso, expresso pela datilografia, esforça-se para estar em compasso com as ideias.

Gonçalo Tavares reitera que o livro é um jogo de palavras que desloca o pensamento, faz refletir sobre o mundo (Fnac, 2013). O processo de escrita e de leitura capturam sensações como somatórios de intercalados presentes no ato de fazer, mas a modernidade trouxe interrupções constantes que interferem no ato de concentrar, que é ter um único centro, ter o foco em algo único, e a tecnologia, em contraponto, dispara para vários locais.

Tavares explica a Ramon Mello (2010), que é necessário fabricar o seu tempo, todo ser humano deve criar o seu esconderijo, não espacial, mas temporal. O dele próprio é o seu momento de leitura e escrita, pela manhã em que foge para outro mundo. Para escrever, isola-se por completo, não olha as manchetes do jornal, foge da perturbação do celular e da internet, pois qualquer distração exterior é capaz de acabar com o magnetismo. Quem encontra um bom esconderijo, desfruta uma boa vida.

Tavares esclarece a errônea ideia de que ler e escrever se opõe a concepção de viver, pois são experiências de vida, não é um mundo à parte, não é possível hierarquizar essas experiências entre fazer uma viagem ou ler Dostoievski, são situações diferentes, mas ambas fortes. Não é possível, segundo Gonçalo, separar a vida da literatura. É necessário, ainda mais no século XXI, dissociar a vida da noção constante de movimento e velocidade.

O século da motorização impôs a velocidade como um valor mensurável, cujos recordes balizam a história do progresso da máquina e do homem. Mas a velocidade mental não pode ser medida e não permite comparações ou disputas, nem pode dispor os resultados obtidos numa perspectiva histórica. A velocidade mental vale por si mesma, pelo prazer que proporciona àqueles que são sensíveis a esse prazer, e não pela utilidade prática que se possa extrair dela. Um raciocínio rápido não é necessariamente superior a um raciocínio ponderado, ao contrário; mas comunica algo de especial que está precisamente nessa ligeireza. (CALVINO, 2004, p. 58)

Tavares gosta de ter um tempo para a observação, para reparar, ou seja, para parar e continuar parado por muito tempo diante da mesma coisa e olhar várias vezes para o mesmo objeto, estudando-o milimetricamente (Terron, 2007). À tarde, costuma sair pela cidade para caminhar e perceber a multidão, observar as pessoas e seus gestos simples cotidianos, a revelar palavras, sentimentos, reações. Pessoas se juntam e se separam o tempo todo. Dessa forma, suas leituras, as experiências e a observação formam uma massa de conhecimento. “Duas pessoas são mais interessantes do que a cidade mais interessante do mundo, pois o comportamento humano é inesgotável.” (Sempre um Papo, 2013). A cidade é uma união de

peessoas, de temperamentos, de emoções, e todas se cruzam no mesmo espaço. É uma organização muito bem estruturada, cada pessoa se dirige a um lugar levada pela sua emoção.

Ainda que Gonçalo advirta que quem escreve não deve viver em um mundo exclusivamente literário, deve também estar atento ao que está acontecendo. Fora da Europa, ocorre mais facilmente a união de ideias aparentemente distintas, como percebeu no México, duas mulheres rezando diante de um altar dentro da sorveteria. Não há um limite tão definido entre a desordem e a ordem, e por isso, Marrakesh, México e tantas outras cidades, são potencialmente mais literárias a quem sabe observar. Apesar de não escrever muito sobre suas experiências, *Canções Mexicanas* (2011) foi fruto de uma viagem, em que descobriu uma cidade surrealista, e o que conta não é de um universo narrativo.

Gonçalo Tavares gosta de observar e refletir sobre o ser humano. Há uma semelhança orgânica entre nós, mas nossas ações e pensamentos nos tornam totalmente diferentes. Quando nos referimos a um animal, há uma sensação comum, porém ao pensarmos em um homem, estamos nos referindo sobre algo abstrato. E para escrever coisas diferentes, é preciso olhar e ouvir coisas diferentes.

Tavares explica que escreve primeiro o que denomina de “matéria bruta”, e guarda este material por um ano ou mais tempo. Dada esta distância, retoma a obra e inicia o processo de cortes. Essa eliminação exige um intervalo, para que o escritor se transforme em um leitor do seu próprio texto, podendo vê-lo de forma crítica. O tempo melhora o olhar sobre o trabalho criativo, pois a percepção imediata está associada a pouco critério e diante do ritmo acelerado da modernidade, criar alternativas contrárias traz muitos benefícios. (Imagem da palavra, 2013).

O dom da paciência relaciona-se com a sua vivência, sua experiência familiar, pois cresceu observando o pai, por longo tempo, dedicando-se a construção das fundações dos prédios, e ficava admirado, ao concluir a importância daquilo que não se vê, que é anterior ao chão. Como o embasamento da leitura que edifica a escrita, e por isso, jamais devem estar dissociadas, como duas partes do mesmo jogo. (Livraria Ideal, 2010)

Relembra que seu percurso de leitor iniciou muito cedo, na biblioteca do pai, em que tinha acesso a livros de arte e ciência, nunca gostou de ficções com histórias de acontecimentos factuais, que privilegiam a contabilidade sequencial. Não gosta de livros extremamente realistas, “que só repetem o que está lá fora, a arte não é um relatório, tem que acrescentar detalhes à visão, cada frase inaugura uma ideia” (Imagem da palavra, 2013). Por isso gosta de ler ensaios, a literatura como pura linguagem não o seduz, pois prefere um livro que não exija passividade, independente de questões de gosto, há que ter perturbação, não é

um passatempo como a televisão, é preciso refletir. Ítalo Calvino (2004) afirma que há coisas que só a literatura nos pode oferecer. Tavares percebe a leitura como uma situação de ataque, por isso lê sempre utilizando um lápis, como uma arma a esquartejar um animal, exige um posicionamento.

Gonçalo Tavares compreende a leitura e a escrita como atividades que demandam esforço físico, não é uma tarefa para relaxar e esquecer a realidade. “Conheci primeiro a dor do metatarso, e depois descobri que é superior à dor da metafísica” (FLÁVIO, Lúcio, 2014). Gonçalo ironiza, ao manifestar que podemos estar lendo um livro extraordinário, mas se alguém nos pisar o dedinho do pé, a dor superará todas as outras sensações.

Apesar de ministrar oficinas sobre criação literária, não tem a pretensão de ensinar a escrever nem a compreender a literatura. O melhor exercício de escrita é observar os detalhes, uma vez que ficar em silêncio e usar os sentidos é o melhor exercício literário. “Escrever tem a ver com ver, ouvir, estar atento, ter um ponto de vista, acrescentar palavras a uma folha em branco é o último passo.” (Sempre um papo, 2013). Para tanto, é necessário mudar o ponto de percepção, ou seja, apreciar de um outro lugar para inovar na escrita. Segundo esse olhar diferencial reclassifica suas obras como canções, enciclopédia, atlas, arquivos, investigações, cidades, bloom books, short movies, etc.

Dentro dessa relação inseparável entre leitura e escrita, o leitor Gonçalo Tavares gosta de ler livros de diferentes gêneros ao mesmo tempo. “Não devo impor uma leitura ao livro que estou a ler, tento estar no estado de recepção que aquele livro está a dar. Portanto, quando abro uma página e sinto que não é aquele livro naquele momento, (...) abro outro livro que (...) condiz com o estado de leitor que estou.” (Livraria Ideal, 2010). Gonçalo acredita que é o livro que escolhe os seus leitores. Quando escreve, espera que os leitores escolham seus textos por alguns critérios, mas sabe que, também, seus livros escolhem seus leitores, é um diálogo que vai muito além de um consumismo editorial.

Em uma palestra na Biblioteca Municipal de Frankfurt (2014), Tavares cita Walter Benjamin: “O golpe incisivo será dado com a mão esquerda.” Segundo o escritor, o ser humano jamais deve se acomodar, deve estar sempre à procura da sua mão esquerda, e quando essa se acostumar ao trabalho da direita, deverá procurar outra mão esquerda. Por isso lhe agrada a produção de obras diferentes, estabelecendo um contraste consigo mesmo. Empenha-se em criar textos variados e profundos sobre a experiência humana e recorre ao seu instinto de investigação, apesar de não escrever livros históricos. (Imagem da Palavra, 2013). A diferença imensa entre as obras leva o crítico Fialho Serra (2013) a desculpar-se por tamanha heresia, ao aproximar as séries tavianas com os heterônimos pessoanos, pois há

toda uma reflexão lógica e estilística que fazem de Gonçalo M. Tavares um escritor conceitual. Gonçalo afirma que se interessa por ciência, artes, e seus livros tentam se aproximar de diversas áreas, pois, de certa maneira, a literatura pode ser uma espécie de experiência linguística, social, uma ciência com maior liberdade. (Costa, 2012)

A obra tavariana aborda assuntos diferentes a partir de variados pontos de vista, como *O Reino*, uma tetralogia sobre a maldade e a violência, que pode, de certa forma, contrapor-se ao *Bairro*, uma série composta por diversos personagens fictícios que são homenagens a escritores e artistas famosos, conhecidos como “os senhores”, com o objetivo de proporcionar ao leitor um prazer lúdico, através da criação de um mundo artificial, como se a literatura criasse um espaço de fuga. O projeto d’*O Bairro* é utópico, quase interminável, que envolve cerca de quarenta títulos com nome de escritores ou artistas, dispostos em um espaço inventado, que funcionam de forma independente, em que nem sempre a personagem se relaciona com a biografia de seu homônimo. “Isso é basicamente um texto de ficção, uma espécie de Asterix, que tenta resistir a invasão da barbárie”. (Imagem da Palavra, 2013).

Diversos críticos elencam inúmeras características inovadoras na obra de Tavares, como António Guerreiro (2013), ao apresentar *Atlas do Corpo e da Imaginação* que traz montagens, colagens, e que trabalha com o aspecto visual do pensamento e da interpretação do leitor. Não é um romance, mas um trabalho filosófico, que reflete sobre a linguagem, com imagens justapostas, e interrogações sobre as palavras, como uma reflexão sobre o homem e o conhecimento. Reúne fragmentos que remontam um todo e interroga conceitos, usando a analogia como uma forma de pensar. Guerreiro afirma que “Gonçalo M. Tavares vale por uma literatura inteira.” (GUERREIRO, 2013).

Sua tetralogia tem o objetivo de desencantar, não pretende um prazer estético, mas um estímulo à reflexão do leitor, como uma provocação que incomoda e exige uma reação, consequentemente, privilegia as cenas inesperadas de violência, que evidenciam a ameaça e a falta de proteção. Os dois primeiros romances desta série (*Klaus Klump* e *A máquina de Joseph Walser*) estão centrados no acontecimento da guerra, os demais já se passam após este evento, que deixou suas marcas na narrativa e nas personagens. São obras que podem ser lidas autonomamente, e em qualquer ordem, mas enquanto criação, tem ligações entre fatos e personagens, podendo, inclusive ser visto como um romance único dividido em quatro romances. (Terron, 2007).

Gonçalo fala sobre a importância da proximidade entre os países de fala portuguesa, bem como ressalta as semelhanças da língua portuguesa com a língua espanhola, pois podemos compartilhar os mesmos efeitos de leitura sem a necessidade de tradução.

Entretanto, ele se diverte com os desentendimentos causados pelo uso diferenciados de certas palavras em Portugal, no Brasil, em Angola, pois considera as palavras como elementos vivos, estruturas orgânicas. Como a palavra propina, que em Portugal refere-se ao pagamento das mensalidades estudantis e, no Brasil, significa suborno. (Fliporto, 2009).

Alguns escritores brasileiros influenciaram-no, como Guimarães Rosa, que deve ser lido devagar e várias vezes; Machado de Assis, com sua excelente estrutura; Carlos Drummond de Andrade; Clarice Lispector e sua escrita orgânica, que exige uma leitura lentíssima. Não há como comparar todos os detalhes, apenas algumas características semelhantes e distintas, sem hierarquias.

Tavares destaca que a cultura das cidades cria espaços muito diferentes. Por isso, descarta a ideia de uma identidade literária portuguesa, mas sim semelhanças e diferenças entre as culturas. Nas culturas fora da Europa, a pobreza e outras questões culturais torna um modo de viver que é inconcebível na forma do pensamento europeu, que contempla diferentes espaços para comer, para lazer, para religião e diferencia de forma rígida a esfera privada e pública. Crescemos em mundos opostos e por isso, não pensamos da mesma maneira.

Gonçalo M. Tavares acredita em identidade familiar que marca, nem tanto quanto o espaço que se cresce, a língua que se ouve, a forma de pensar e agir, a maneira de tocar os objetos, como uma identidade mais absorvida que emitida, um núcleo ao redor que determina isso, uma identidade mais imediata. Tavares não acredita em definições nacionalistas dos textos, pois falam das pessoas, das emoções e dos sentimentos, algo referente ao organismo humano muito idêntico. Entretanto, o plural transforma coisas completamente diferentes em algo unificador, como, por exemplo, “os portugueses”, configura um processo de violência do não individual e a globalização confirma esse efeito. Partilhando a ideia de Ítalo Calvino (2006) percebe a literatura como um fenômeno universal, sem distinções de língua e caráter nacional.

Referências

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FRANKFURT. *O processo criativo de Gonçalo M. Tavares*. Criação em 19/06/2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bqfguNfTucI>> (vídeo 1), <<http://www.youtube.com/watch?v=FUsRmRj57Mo>> (vídeo 2), <http://www.youtube.com/watch?v=1XfTAUct_pU> (vídeo 3), <http://www.youtube.com/watch?v=UGyN_WcC4S4> (vídeo 4), <<http://www.youtube.com/watch?v=V4BKYPcbQPc>> (vídeo 5) e <<http://www.youtube.com/watch?v=bqfguNfTucI>> (vídeo 6)>. Acesso em 17/04/2014.

- BORGES, Jorge Luiz. *Cinco visões pessoais*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1985.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- COSTA, CARLOS. Revista Cult. Criado em 29/05/2012, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hTDHVghOwgw>>. Acesso em 26/04/2014.
- ECO, Umberto. *Pós-escrito a 'O nome da Rosa'*. RJ: Nova Fronteira, 1985.
- ELLIOT, T. S., "A função social da poesia." In: _____ A essência da poesia. Trad. Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1972.
- FLÁVIO, Lúcio. Folha de São Paulo. Criação em 21/04/2014. *Para Gonçalo M. Tavares, 'escrever é uma necessidade orgânica*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1443433-para-goncalo-m-tavares-escrever-e-uma-necessidade-organica.shtml>>. Acesso em 28/04/2014.
- FLIPORTONET. *Entrevista com Gonçalo M. Tavares -Fliporto, 2009*. Criado em 07/11/2009. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Oq_tqpU7mgI>. Acesso em 25/04/2014.
- FNAC Portugal. *Encontro com Gonçalo M. Tavares, José Tolentino Mendonça e Pedro Mexia*. Criado em 07/08/2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=q1RDTVIEbHM&index=2&list=PLrIDY-C0xHIkopZdnu89PKEgz_KiBuMIr>. Acesso em 27/04/2014.
- GOTOFILMS. Espaços & Casas nº 94. *Gonçalo M. Tavares*. Criação em 31/01/2011. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=AX2MJTZ_IRk>. Acesso em 28/04/2014.
- GUERREIRO, António. OS ESPACIALISTAS. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Criação em 29/11/2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0VYxFzq07u0&index=4&list=PLrIDY-C0xHIkopZdnu89PKEgz_KiBuMIr>. Acesso em 22/04/2014.
- IMAGEM DA PALAVRA TV. Redeminas, Programa Imagem da Palavra. *Gonçalo M. Tavares*. Criação em 12/07/2013. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=zVcoUHoGIy8>> (parte 1), <http://www.youtube.com/watch?v=UA13VVdk2K4&feature=youtu.be>> (parte 2) e http://www.youtube.com/watch?v=f_UKKWtgskw&feature=youtu.be> (parte 3), acesso em 22/04/2014.
- JORGE, Lúcia. *Contrato sentimental*. Lisboa: Sextante, 2009.
- LIVRARIA IDEAL. *Gonçalo M. Tavares*. Criado em 02/01/2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=559CNoUcI9M>> (parte 1), <http://www.youtube.com/watch?v=zBu8ZfnzLtI>> (parte 2) e <http://www.youtube.com/watch?v=91BFNzKQaSS> (parte 3)>. Acesso em 24/04/2014.
- MELLO, Laercio. Revista Vida Interessante. Criado em 23/08/2013. *Graça Razera com o escritor português Gonçalo M. Tavares*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=S35UA53pMDo>>, Acesso em 21/04/2014.
- MELLO, Ramon, Editora Saraiva. Criação em 22/06/2010. *Gonçalo M. Tavares, literatura como projeto de vida*. Disponível em <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10333>>. Acesso em 30/04/2014.
- PAMUK, Orhan. *A mala do meu pai*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.

RODRIGUES, Sérgio. Revista Veja/blog Todoprosa. Criado em 03/09/2011. *Gonçalo M. Tavares e a glória do português*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/goncalo-m-tavares-e-a-gloria-do-portugues/>> Acesso em: 28/04/2014.

RUFINO, Mário. Diário Digital. Criação em 20/11/2013. *António Guerreiro: 'Gonçalo M. Tavares vale por uma literatura inteira'*. Disponível em <http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=671631>, acesso em 23/04/2014

SEMPRE UM PAPO. Gonçalo Tavares no Sesc Mariana. Criado em 30/08/2013. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=_78S6zCCqmU>. Acesso em 19/04/2014.

SERRA, Fialho. Arquivo da Orgia Literária. *Breves Notas, Gonçalo M. Tavares*. Criado em 11/03/2013. Disponível em <http://arquivo-ol.blogspot.com.br/2013/03/breves-notas-goncalo-m-tavares-por-p_11.html> Acesso em 25/04/2014.

TERRON, Joca. Revista Entrelivros. Criação em setembro de 2007. *Entrevista: Gonçalo M. Tavares 'Ler para ter lucidez.'* Disponível em <http://www2.uol.com.br/entrelivros/artigos/entrevista_goncalo_m_tavares_ler_para_ter_lucidez-.html>. Acesso em 02/05/2014.

TRIGO, Luciano. Rede Globo, blog Máquina de Escrever. Criação em 09/02/2014. *Gonçalo M Tavares, "O meu trabalho é iluminar palavras."*. Disponível em <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2014/02/09/goncalo-m-tavares-o-meu-trabalho-e-iluminar-palavras/>> Acesso em 29/04/2014.

TVI24. Criação 21/12/2011. *Abrir um livro é como ir a uma igreja*. Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/goncalo-m-tavares-marcelo-entrevista-escritor-goncalo-tvi24/1307428-4071.html>>. Acesso em 29/04/2014.

VERÍSSIMO, Érico. *Romance de um romance*. Santa Catarina, Museu da Poesia Manuscrita, 1999.

Blog do escritor: <goncalomtavares@blogspot.com>. Acesso em 07/05/2014